

A religião como contraponto à Natureza e ao mundo da sensibilidade em Ludwig Feuerbach

Religion as a counterpoint to Ludwig Feuerbach's Nature and world of sensitivity

JOÃO BATISTA MULATO SANTOS¹

Resumo: O presente artigo tem como meta expor e analisar como a relação não recíproca entre o homem e a natureza faz por surgir a religião na vida humana partindo da perspectiva do filósofo alemão Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872). Para tanto, usar-se-á como referências principais suas obras *A Essência do Cristianismo* (1841), *Princípios da Filosofia do Futuro e Outros Escritos* (1842) e *Preleções sobre a Essência da Religião* (1851). Ao longo do texto será exposto o conceito de natureza em Feuerbach, a necessidade humana de personificação dos elementos sensíveis presentes no mundo material e como surgem os deuses na vida dos homens. Desta forma, articular-se-á as ideias sobre a autonomia e primazia da natureza frente as religiões, tanto as da natureza como da moralidade, isto é, a cristã. Por fim, concluir-se-á demonstrando que sem o mundo da matéria, seus pressupostos sensíveis e as suas necessidades não seria possível a existência da religião ou qualquer outro tipo de crença mística entre os seres humanos.

Palavras-chave: Feuerbach. Natureza. Religião.

Abstract: This work aims to expose and analyze how the non-reciprocal relationship between man and nature does arise for religion in human life starting from the German philosopher Ludwig Andreas Feuerbach perspective (1804-1872). For this purpose it will be used as main references his work *The Essence of Christianity* (1841), *Future Philosophy Principles and Other Writings* (1842) and *Lectures on the Essence of Religion* (1851). Throughout the text will be exposed the concept of nature in Feuerbach, the human need for personification of sensitive elements present in the material world and how the gods arise in the lives of men. In this way, it will articulate the ideas of autonomy and primacy of opposite nature religions, both of nature and morality, that is, Christian. Finally, it will be complete without demonstrating that the world of matter, your sensitive assumptions and their needs would not be possible the existence of religion or any other kind of mystical belief among humans.

Keywords: Feuerbach. Nature. Religion.

Introdução

Em Feuerbach, o homem existe na natureza e somente através dela, uma vez que seu próprio corpo também é natureza, existindo assim uma total independência e autonomia daquela frente ao homem. A natureza, para Feuerbach, possui um primado ante o espírito, mas o que acaba acontecendo na religião é justamente o contrário, isto é, a natureza como vista pela religião é dependente de seres espirituais que estão acima dela, isto é, os deuses. No cristianismo, por exemplo, ela é produto de

¹ É Mestre e Graduado em Filosofia pela UFC (Universidade Federal do Ceará). E-mail: m.i.n.joao.batista@gmail.com

uma vontade subjetiva, quando não é ela própria o ser divino personificado com atributos humanos como ocorrem nas religiões da natureza. Contrariando este ponto de vista cito:

A natureza não pode ter sido deduzida do espírito, já que ela possui uma qualidade completamente diferente dele; mas o espírito pode ser deduzido dela e esclarecido por ela, uma vez que o homem, como criação da natureza, é a identidade de todas as oposições, isto é, a unidade do espiritual com o natural (CHAGAS, 2009, p.42).

Neste caso, a crença na natureza enquanto ser divino surge ainda nos primórdios da humanidade através do sentimento de dependência que determina nos homens as noções de morte e de vida, obrigando-os psicologicamente a glorificar e a sacralizar aquilo que lhes é mais vital. A partir de seus fenômenos naturais mais aterrorizantes, a natureza grava neles as impressões mais terríveis e os lembra de sua finitude. Desta maneira, o sentimento de dependência tem sua origem no objeto pelo qual o homem se sente dependente para existir, ou seja, a própria natureza, já que o homem existe apenas no meio material possibilitado por ela, ou melhor, ela essencialmente é esse meio.

Logo, somente a partir dessa relação direta e imediata com a natureza é que o homem toma consciência de si mesmo, ou seja, a consciência dos homens surge a partir de seu relacionamento com o meio material onde vivem. Ainda neste sentido podemos notar a influência que o filósofo exerceu sobre o pensamento materialista de Karl Marx. Este, no entanto, contrariamente a Feuerbach², que se debruça primeiramente em seu materialismo, sobre as questões relativas à natureza, Marx se concentra nas questões sociais quando afirma que não é a consciência dos homens que determina o seu ser; mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência. Podemos assim considerar que os objetos de estudo de cada autor são distintos, mas o sentido inicial desse estudo se equivale pelo menos essencialmente.

Contudo, ao conceituar a natureza o filósofo não pretende cair na idolatria e nos exageros da religião que torna os objetos dos quais dependemos para sobreviver em verdadeiros entes absolutos que passam a existir como formas de vida alheias à nossa essência e que ainda possibilitam nossa existência para além desta vida. Pelo contrário, Feuerbach aceita a própria limitação e finitude humana como algo próprio da natureza: “(...) sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta idéia” (FEUERBACH, 1989, p. 38).

Logo, pode ser notado que a filosofia feuerbachiana, exatamente por ser materialista³, considera a natureza como algo de fundamental importância para

² No final da vida Feuerbach se dedicou a questões de cunho político ao se associar ao partido comunista.

³Materialista é a corrente filosófica à qual pertenceu Feuerbach e que afirma que antes da matéria não

compreendermos o homem e sua relação com Deus. Em Feuerbach, o conceito de natureza está sempre presente em sua filosofia, pois é a partir deste conceito que podemos melhor compreender a relação intersubjetiva Eu-Tu como ele bem explica em *A Essência do Cristianismo*.

(...) O homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções de gênero) sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo eu e tu; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero a sua essência, não somente a sua individualidade é para ele objeto (FEUERBACH, 1988, p. 35-36).

Falar sobre a relação do homem com a natureza é atingir o centro da filosofia feuerbachiana, isto é, o autor é categórico ao afirmar que se não fosse a relação do homem com a natureza não existiria religião. Sendo essa relação homem-natureza uma relação não recíproca, ou seja, o homem se relaciona com algo que, diferente dele, não possui sentimentos, não pensa, não ama, e por isso mesmo não retribui o que ele almeja ou necessita. Portanto, essa relação não recíproca se apresenta como um fator fundamental para a existência da religião.

Devido ao fato de sua filosofia não ser um sistema organizado, assim como a de Hegel, e também não sendo esta uma de suas pretensões, Feuerbach, ao expor seus argumentos sobre a natureza os apresenta de maneira fragmentada e aforística ao longo de todas as suas obras.

[...] o conceito de natureza de Feuerbach foi desdobrado, em sua obra, na verdade apenas de maneira fragmentada, mas ele está, apenas no centro de sua filosofia. O desenvolvimento e transformação desse conceito perpassam, de certa maneira, como fio condutor à totalidade da obra de Feuerbach [...] (CHAGAS, 2009, p. 37).

A grande crítica que Feuerbach desenvolve a respeito do cristianismo é exatamente sobre a relação deste com a natureza. A natureza tal como é apresentada pela religião cristã coloca o mundo material, natural, apenas como um objeto de criação de uma inteligência divina e a desconsidera como ente portadora de significativa importância. Isto é, o que o filósofo observa é que o cristianismo pode ser basicamente considerado como a religião da moralidade cujas preocupações se concentram no homem e sua ação prática no mundo, ou seja, a moral, deixando, desta forma, a natureza de fora, pois a descreve apenas como objeto de criação

existia absolutamente nada, ou seja, a matéria se originou por razões e condições devidas única e exclusivamente à natureza, ou seja, à própria matéria se contrapondo assim a correntes filosóficas como o idealismo. Este termo foi usado pela primeira vez por Robert Boyle em sua obra de 1674 intitulada *The Kxcellence and Grounds of the Mechanical Philosophy* (cf. EtJCKKN, *Geistige Slrórmungen der Gegenwart*, 5a ed., 1916, p. 168). Esse termo designa, em geral, toda doutrina que atribua causalidade apenas à matéria.

surgida a partir de uma mera vontade, de um simples querer “(...) porque o cristianismo é idealismo, estabelecendo no alto um deus ou espírito que cria o mundo através do seu mero pensar e querer” (FEUERBACH, 1988, p.25).

Após a publicação de *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach sofreu inúmeras críticas por não ter colocado a natureza como elemento significativo para a religião cristã, começando sua principal obra com a essência do homem. Para seus críticos, o filósofo acabou divinizando o homem com seu sentimento de dependência da natureza e desconsiderou a origem humana, fazendo-o um ser que nada sucede, como algo surgido do nada.

Meu ponto de vista ou doutrina expressa em *A Essência do Cristianismo*, ou melhor: minha doutrina como eu a expressei e pude expressar nessa obra de acordo com seu objeto tem uma grande falha e por isso deu ocasião aos mais tolos mal-entendidos. Por ter eu desconsiderado a natureza no cristianismo, fiel ao meu objeto, por ter eu ignorado a natureza, porque o próprio cristianismo a ignorou (...) por ter tratado em *A Essência do Cristianismo* somente da essência do homem iniciando minha obra imediatamente com ela exatamente porque o cristianismo não adora o sol, a lua, as estrelas, o fogo, a terra e o ar, mas as forças que fundamentam o ser humano em contraste com a natureza: vontade, inteligência, consciência como essência e poderes divinos, por isso julgou-se que eu tenha deixado que a essência humana surgisse do nada, fazendo dela um ser que nada pressupõe, e que contradissesse esta minha suposta divinização do homem com seu imediato sentimento de dependência [...] (FEUERBACH, 1989, p. 25-26).

Em *Preleções sobre a Essência da Religião*, escritas entre 1848 e 1849, mas publicadas somente em 1851 a pedido de alguns alunos de Heidelberg, Feuerbach descreve melhor a natureza ao longo de trinta preleções. Diferentemente do que ocorreu em *A Essência do Cristianismo*, as preleções abordam o tema religioso de forma mais ampla, retrata não apenas a religião cristã, mas também as outras religiões. A perspectiva subjetiva e psicológica é evidente quando o filósofo analisa a relação do homem com a natureza.

Odeio o idealismo que arranca do homem a natureza; não me envergonho de depender da natureza; confesso abertamente que as influências da natureza não só afetam minha superfície, minha pele, meu corpo, meu âmago, meu íntimo, que o ar que respiro em bom tempo atua beneficentemente não somente sobre meu pulmão mas também sobre minha cabeça, a luz do sol não só ilumina meus olhos mas também meu espírito e meu coração e não creio, como cristão, estar esta dependência em contradição com minha essência e por isso não espero nenhuma redenção, nenhuma libertação desta contradição. Igualmente sei que sou um ser finito, mortal, que um dia não mais existirei. Mas julgo isso perfeitamente natural e por isso sinto-me inteiramente conciliado com esta idéia (FEUERBACH, p.

27).

A importância que Feuerbach atribui à natureza é de total relevância à sua filosofia, uma vez que o filósofo se enquadra na corrente filosófica materialista. Podemos compreender o materialismo como a corrente filosófica que afirma que nada antecede à matéria a não ser ela mesma. O materialismo, desta forma, se distingue do idealismo, teísmo, deísmo ou qualquer outra doutrina que estabeleça a matéria, isto é, a natureza como produto de qualquer tipo de inteligência divina, ideia ou algo que a anteceda. Isto é, para Feuerbach a natureza material possui uma primazia ante o espírito, e o filósofo sentencia negativamente qualquer forma de pensamento que se contraponha a essa sequência: natureza – espírito humano, chamando assim aqueles filósofos que colocam a natureza como resultado de uma ideia, assim como fizeram alguns filósofos especulativos, em especial Hegel.

Mas é importante destacar que o materialismo feuerbachiano admite a possibilidade de certo nível de abstração, mas apenas na medida onde se dá a unidade entre os indivíduos, isto é, na ideia de gênero que unifica todos os indivíduos. A partir dela é que o sujeito toma consciência de si enquanto indivíduo portador de identidade própria e de um ser presente em um mundo, na natureza, ou seja, no mundo material.

Feuerbach compreende a natureza como uma totalidade, uma unidade orgânica, uma harmonia de causas e efeitos, pois é a partir dela que surgem animais, plantas, criaturas e fenômenos responsáveis até pela ideia de natureza humana. Estabelecer essa ordem ao avesso é um contrassenso, uma quimera que se reduz ao reino da especulação e da fantasia.

A natureza em Feuerbach se contrapõe à ideia que é estabelecida pelas religiões principalmente no que diz respeito ao seu princípio. A natureza não surgiu, não aconteceu, não teve um início e muito menos terá um fim. Podemos compreender que estabelecer uma relação de causa e efeito, levada ao extremo, isto é, dar uma origem e um fim à natureza consiste em descrever a primazia da ideia frente à matéria, mas como Feuerbach estabelece o contrário, isto é, a natureza, o mundo material é que faz por surgir a ideia. Então a natureza não tem um início e conseqüentemente não terá um fim. Neste sentido:

A natureza não tem princípio nem fim. Tudo nela está em transformação, tudo é relativo, tudo é ao mesmo tempo causa e efeito, tudo é geral e particular; ela não acaba num ápice monárquico; é uma república. Quem está habituado somente com o regime monárquico não pode certamente imaginar um Estado, uma comunidade de homens sem Deus que desde criança está habituado com essa concepção. Mas a natureza não é menos concebível sem Deus, um ser extra e sobre natural, que o Estado ou o povo sem um ídolo monárquico que é exterior acima do povo (FEUERBACH, 1989, p.89).

Desta forma, ao estabelecer um princípio à natureza o que na verdade o homem teísta ou deísta faz é fundamentar algo a partir dele próprio, estabelecendo um princípio que parte de si mesmo para então chegar à natureza. Isto é algo absolutamente compreensível, pois o homem parte daquilo que lhe está mais próximo para concluir aquilo que está mais longe. No entanto, quando não consegue perceber que a relação é contrária, comete um erro, ou seja, o homem deísta ou teísta não percebe que se fundamenta nele próprio, em sua própria consciência genérica, no seu próprio corpo para compreender e explicar o mundo, a natureza que lhe está distante. Feuerbach, atento a esta relação, assim afirma:

O homem parte do que lhe é mais próximo, presente, e conclui daí o distante, isto faz o deísta e o ateu. A diferença entre o ateísmo ou naturalismo (da doutrina em geral que compreende a natureza por si mesma ou por um princípio natural) e o deísmo (ou a doutrina que deriva a natureza de um ser heterogêneo, estranho, diverso da natureza) é apenas que o deísta parte do homem e daí vai para a natureza, concluindo-a, mas o ateu ou naturalista parte da natureza e só chega ao homem através dela. O ateu trilha o caminho natural, o teísta trilha o não natural (FEUERBACH, 1989, p. 129).

Para Feuerbach, o homem ateu ou naturalista, assim como ele observou, permite que a essência da natureza venha primeiro, antes do espírito humano. O homem deísta, no entanto, transforma o fim em princípio, isto é, o deísta coloca o posterior no lugar do anterior, estabelecendo assim uma ordem inversa.

Ele (o homem deísta) não considera primeiro a essência da natureza que age inconscientemente, mas sim o ser consciente, humano, artístico, daí comete ele uma incomensurável inversão, pois, ao invés de deixar surgir o consciente do inconsciente, faz surgir o inconsciente do consciente (FEUERBACH, 1989, p. 14).

Portanto, podemos notar que, para o homem, a natureza ou o mundo lhe parece ser apenas uma habitação, um simples objeto mecânico como um relógio, por exemplo, que foi criado com uma serventia para o homem por um criador, um artífice que se assemelha a ele mesmo. Podemos concluir que a religião vê a natureza de acordo com as obras humanas, subvertendo, assim, a relação natureza/homem.

Ao longo de suas preleções sobre a essência da religião, Feuerbach considera que o culto a Deus nada mais é do que o culto à natureza. Cita ele um trecho da obra de Sêneca *Dos Benefícios*.

Tu dizes: todos os bons provêm da natureza. Mas não percebes que ao dizeres isso emprega apenas um outro nome para Deus? Que é a natureza senão Deus? Então, nada dizes, ó mais ingrato dentre os mortais, quando dizes que nada tens para agradecer a Deus, mas somente a natureza, pois não existe nem natureza sem Deus, nem Deus sem natureza, mas ambos são o mesmo (FEUERBACH, 1989, p.

261).

A adoração à natureza é bastante comum nas religiões mais primitivas, que são produto de uma cultura rudimentar onde o homem e a natureza estão em uma relação mais próxima, mais direta e, portanto, numa maior dependência deste por aquela. A natureza é para o homem o deus primitivo, sem dúvida é o objeto primeiro da religião. No entanto, ela não é objeto para a religião como natureza em si, mas um ser humano afetivo, um ser da fantasia do pensamento. O homem cultua a natureza, a mãe natureza, por ela ser a responsável pela sua subsistência, pois é ela que lhe oferece tudo aquilo que é responsável por seu existir no mundo. A natureza, desta forma, se mostra como uma entidade divina responsável pela existência do ser humano, pois o que seria dele se não fosse o ar que respira, os frutos que come e o sustenta, a água que sacia sua sede, ou seja, nesta perspectiva a natureza é o verdadeiro Deus que dá origem e subsistência ao homem.

A religião da natureza se apropria da ideia de que o homem é um ser criado por ela, a adora, e a entende como sua criadora, não podendo ter sido criada, pois ela é causa de si mesma. A natureza, para o seu cultor, não é adorada apenas como o ser responsável por sua subsistência imediata, ou seja, não é apenas pelo fato de ela garantir, através de alimento e abrigo, a sua vida que o homem cultor a adora, mas também pelo fato de ela ser o motivo pelo qual ele existe.

(...) ele adora e considera a natureza também como ser do qual ele surgiu originariamente e exatamente por isso como alfa e ômega do homem. Sendo pois a natureza adorada e entendida como ser criador do homem, não é ela própria considerada como criada, como produzida, porque o homem, como veremos mais adiante com mais detalhes, só ultrapassa os limites da natureza, só a deriva de um outro ser à medida que ele não consegue explicar sua essência na natureza (FEUERBACH, 1989, p. 76).

Portanto, nas religiões da natureza esta é o fundamento primeiro e imediato para o homem. Segundo Feuerbach, a natureza é para o homem, no estágio da religião natural, não só o ser primário prático, mas também o teórico do qual ele deriva. Neste sentido, como em toda a sua obra, o filósofo alemão cita um exemplo específico para fundamentar sua afirmação:

Assim os indígenas, por exemplo, consideram a terra como sua mãe comum. Acreditam pois que foram gerados em seu ventre e por isso se denominam metoktheniake, isto é, nascido da terra. (Heckewelder, Povos indígenas). Dentre os indígenas antigos, alguns consideravam o mar como a divindade principal e o chamavam-no Mamacha, isto é, sua mãe outros, como os collas, acreditavam até mesmo que seus ancestrais surgiram no grande pântano na ilha Titaca (FEUERBACH, 1989, p. 77).

A religião da natureza prova que o homem, através dos sentidos, adora de

imediatamente aquilo com que tem contato direto. A natureza é o primeiro objeto através dos sentidos, pois a primeira crença do homem é a crença na verdade dos sentidos. Desta forma, Feuerbach afirma que a crença na verdade dos sentidos é uma “uma crença que não contradiz os sentidos como a crença teísta e cristã”. (FEUERBACH, 1989, p.79). O Deus cristão ou qualquer outra forma de teísmo expressa algo incerto, algo que pode ser qualquer coisa, mas que por não ter como fundamento direto a natureza encontra-se apenas no campo da indeterminação.

Os primeiros deuses cultuados e adorados pelo homem na religião são, sem dúvida, a religião da natureza cujos objetos sagrados são determinados, e exatamente por isso os primeiros deuses adorados são objetos fornecidos pelos sentidos. Feuerbach expõe sua teoria como habitualmente faz através de um exemplo histórico:

César diz da religião dos alemães: “Só adoram os seres que vêem e aos quais atribuem benefícios evidentes”. Essa tão criticada frase de César vale para as religiões da natureza. O homem originariamente só acredita na existência daquilo que sua vivência documenta através de efeitos e sintomas sensíveis, perceptíveis (FEUERBACH, 1989, p. 79).

Feuerbach não se limita às religiões da natureza em relação à divinização dos sentidos. Ele ainda acrescenta e analisa a religião cristã em seu início:

Os primeiros evangelhos, os primeiros e mais verídicos, os documentos religiosos do homem não-deturpados por nenhum engodo sacerdotal são seus sentidos. Ou melhor, seus sentidos são, eles próprios, seus primeiros deuses, porque a crença em deuses exteriores, sensíveis, só depende da crença, na verdade e na divindade dos sentidos; nos deuses que são seres sensíveis, o homem apenas endeuza seus sentidos (FEUERBACH, 1989, p. 79).

Após definir, reconhecer e justificar a religião da natureza, Feuerbach, inevitavelmente tem de expor as objeções consequentes de sua análise. Se o filósofo se considera um ateu, descrente, materialista, e faz uma abordagem crítica à religião, então ao expor a religião da natureza como fundamento primeiro e imediato do homem, ele não se contradiz? Na verdade, o que o filósofo ateu faz é semelhante ao que os filósofos por ele criticados, como Espinosa, Agostinho, Leibniz, dentre outros, fizeram. Para um leitor atento, Feuerbach apenas troca um deus por outro. Esse tipo de dúvida, inevitável por sinal, é exposta e explicada pelo autor:

A natureza não é para mim de modo algum uma entidade originária só porque a religião da natureza assim a encara e adora, mas ao contrário, por ser ela algo original, imediato, deduzo que também deveria aparecer como tal ao sentido original, imediato dos povos, logo semelhante à natureza. Ou então: o fato de os homens terem adorado a natureza como deus não é para mim de modo algum uma prova para a verdade do sentido que se esconde por trás desse fato,

mas encontro nele a constatação da impressão que a natureza causa em mim como um ser sensível, encontro nele a constatação dos motivos que me determinam, enquanto ser intelectual, filósofo e cultural a atribuir à natureza, se não a mesma importância que lhe atribui a religião natural (porque eu não endeuo nada, portanto, nem a natureza) pelo menos uma importância análoga, semelhante, transformada pelas ciências naturais e pela filosofia (FEUERBACH, 1989, p. 80).

Podemos constatar que a principal característica pela qual Feuerbach se destaca dos filósofos e teístas por ele criticados se encontra no fato de o autor não endeuar, idolatrar o objeto que para ele é o fundamento primeiro e imediato do homem, isto é, a natureza. Feuerbach condena tacitamente os exageros da adoração que fazem com que o homem projete no objeto adorado todas as suas próprias qualidades que depois passam a não ser mais reconhecidas por ele, tornando-o um ser alienado, isto é, alheio àquilo que lhe é próprio.

A Necessidade de Personificação da Natureza

Feuerbach atribui à natureza o poder de gravar no homem os mais distintos sentimentos: alegria, tristeza, prazer, dor e medo. Esses sentimentos que surgem na vida humana somente são possíveis devido à relação homem-natureza e nada mais. O homem é um ser sensível, isto é, possui sentimentos, paixões, vontade, querer, mas a relação que este tem para com aquela não se efetiva de modo recíproco. O homem se relaciona diretamente com a natureza de maneira inevitável e não recíproca, pois a natureza não é um ente pessoal que corresponde aos seus anseios de modo satisfatório. Mas, ao contrário, a natureza se manifesta muitas vezes de maneira impiedosa e cruel aos olhos humanos, levando o homem aos limites mais extremos e até a morte.

O homem primitivo, em sua relação com a natureza, salienta Feuerbach, sentia-se como um estrangeiro na natureza selvagem, desconhecida e intocável. Desta forma, houve a necessidade de divinização e personificação dos elementos naturais para uma aproximação deste homem com aquilo que não estabelecia nenhuma forma de consolo frente às agruras que ela lhe proporcionava, isto é, a natureza não se estabelecia como um ente que poderia corresponder aos anseios do homem sensível sedento por vida. Foi a partir desse relacionamento que o homem, de acordo com o filósofo, passou a divinizar o sol, a lua, as águas dos rios, os mares, o fogo, porque sentia-se dependente desses elementos naturais para sua sobrevivência ou mesmo porque não compreendia ainda a natureza devido à sua ignorância. Desta maneira, Feuerbach destaca que quando

(...) finalmente, o homem consegue a condescendência da natureza e esta se submete a ele porque ela assimilou a sua alma e se submeteu as suas próprias paixões. Ademais, o inculto homem primitivo não só

outorga a natureza motivações, impulsos e paixões humanas, mas chega a ver nos corpos naturais homens reais (FEUERBACH, 2008, p. 53). [Tradução nossa]

É a partir dessa relação insatisfatória que surge a necessidade de personificar, de maneira inconsciente, a natureza, pois somente ela é responsável, em todos os aspectos, pela existência do homem, que sobrevive e morre. Seria então este um dos motivos para a existência de deuses na vida humana? Uma vez que essa relação insuficiente se mostra terrivelmente austera para uma criatura sensível que tem em sua essência o amor.

A explicação psicológica para este fato é o relacionamento insatisfatório do homem com a natureza. O homem é um ser sensível, passional, porque em sua essência há um elemento de significativa importância, o amor. O amor é um dos três elementos constitutivos da essência humana, e se destaca no âmbito da sensibilidade, pois o amor é inteiramente sensível, é o laço de união entre os homens no mundo. O homem está jogado no mundo, na natureza, exposto, descoberto de proteção, e tenta encontrar abrigo, de modo infantil e fantástico através de seus deuses. Neste sentido a religião que personifica a natureza nas religiões naturais, como já citado anteriormente, se mostra extremamente necessária para esta compreensão da realidade e para dar consolo e proteção ao filho desamparado.

O filósofo sentencia ao longo de *Preleções sobre a Essência da Religião* que toda a sua doutrina se resume em duas palavras: natureza e homem. É a natureza, de acordo com o já citado ponto de vista, o ser primeiro quanto ao tempo, inconsciente, não criada, eterna, o primeiro ser físico não moral. A essência consciente do homem é a segunda quanto ao aparecimento no tempo. No entanto, a primeira possuidora em sentido de importância.

Mas o ser pelo qual a natureza se torna pessoal, consciente e inteligente é sem dúvida o homem. Para compreender o mundo o homem deve partir daquilo que lhe é mais próximo, e não há algo que lhe seja mais próximo, simbolicamente falando, do que o seu próprio corpo. O referencial para qualquer ser humano é, sem dúvida, o seu corpo, sua posição, seu país, sua cultura, sua família. Quando nos referimos ao pé de uma cadeira temos como referência para tal afirmação a noção daquilo que sustenta nosso próprio corpo, ou seja, a cadeira não possui pé, o homem é quem o possui e por isso mesmo identifica aquilo que lhe é exterior, primeiramente, a partir daquilo que lhe é interior ou mais próximo.

A capacidade de criar deuses ou objetos de cunho sagrado é uma característica que, de acordo com Feuerbach, é inata ou no mínimo essencial ao homem, e por isso mesmo se manifesta primeiramente no que o autor chama de a infância do homem. É uma espécie de modo de apreensão e interpretação da realidade a partir desses símbolos sagrados da fé. No entanto, esses símbolos sagrados têm sempre como referência um mesmo objeto, o seu criador, isto é, o homem. Isso ocorre de modo

inconsciente e natural, configurando-se uma tentativa, ainda que infantil, de ordenamento do cosmos, da natureza, mas isso é uma consequência necessária para que ele compreenda o mundo à sua volta.

Quando os gregos atribuíam a fúria de Zeus como origem da tempestade que assolava sua localidade eles personificavam, no fenômeno meteorológico, os sentimentos primordiais dos seres humanos, pois a linguagem simbólica dos mitos, fonte de compreensão e ordenamento do cosmos, assim o exigia. Na religião politeísta dos gregos, os deuses, habitantes do Monte Olimpo, eram imortais, mas tinham comportamentos semelhantes aos dos homens, sendo às vezes benevolentes ou vingativos e invejosos.

No politeísmo dos gregos, cada aspecto da realidade era representado por um deus. Desta maneira, havia o deus do raio e do trovão, o deus da terra, o deus do mar e também aqueles que representavam as emoções e características humanas, como a inteligência e o amor. Assim, quando se fala de mitologia grega fala-se consequentemente do homem grego, isto é, aquele tipo particular de homem que está inserido em determinada cultura e em determinado tempo. Na visão feuerbachiana sobre a religião, os gregos, em relação ao cristianismo, encontram-se em uma etapa mais limitada do âmbito religioso por sua religião politeísta fazer sentido apenas para um determinado tipo de homem, diferindo, assim, do monoteísmo característico do cristianismo.

O politeísmo só existe onde o homem ainda não se elevou acima do conceito de espécie humana, onde somente reconhece o homem de sua espécie como seu semelhante de igual direito e igual capacidade. Mas no conceito de espécie está a multiplicidade, logo existem muitos deuses onde o homem faz da essência da espécie uma essência absoluta. O monoteísmo porém atinge o homem no momento em que ele se eleva ao conceito de gênero, no qual todos os homens se igualam, onde desaparecem suas diferenças de espécie, estirpe e nacionalidade (FEUERBACH, 1989, p. 24).

A mitologia grega foi a exigência de uma época no que se refere às necessidades de compreensão de mundo, uma vez que as narrativas míticas tinham como funções básicas ordenar o cosmos, a realidade caótica do mundo, a partir de uma teogonia ou cosmogonia procurando narrar como as coisas eram ou tinham sido em um passado imemorial. Buscavam, assim, explicar tudo a partir das forças sobrenaturais personalizadas nas figuras de heróis, semideuses, deuses e titãs.

Os mitos tiveram sua origem e importância no período em que ainda não havia escrita. Os relatos orais eram transmitidos por poetas ambulantes chamados *aedos* e *rapsodos*, que os recitavam de cor em praça pública. Mas, historicamente, os gregos se afastaram das explicações do mundo natural a partir do momento em que seu desenvolvimento econômico possibilitou a expansão de seu povo e sua sociedade se desenvolveu. De acordo com Feuerbach, quando o homem passou a se interessar cada

vez mais por assuntos sociais, houve, como consequência, uma afetação direta em seus deuses, ou seja, estes também passaram, na mesma medida, a representar a hierarquia social daquele tempo em um mundo transcendente à realidade material. Logo, na ótica feuerbachiana, os deuses dos gregos mudaram ou evoluíram de acordo com a mudança ou evolução do homem grego e sua realidade material. Mas ainda desta forma o sobrenatural adquire independência daquilo que, na verdade, ele é dependente para existir, e contraditoriamente, através de seus deuses o homem passa a ter domínio sobre a natureza.

(...) a transcendência adquire o estatuto de uma ordem autônoma, separada do mundo terreno, como um céu habitado por seres divinos face aos quais o homem perde parte do seu poder, mas através dos quais impõe, por sua vez, o seu poder sobre a Natureza, desprovida de força imanente própria (SERRÃO, 1999, p. 265) .

Essa característica tão comum nas religiões da natureza de atribuir qualidades humanas a objetos exteriores ao homem como tentativa de personificação da natureza para compreendê-la, adorá-la e estabelecer uma relação de amor, gratidão ou até mesmo temor com o objeto do qual ele depende para sobreviver acontece também no cristianismo, nota Feuerbach. No entanto, é de forma mais peculiar, uma vez que o homem adora a sua própria essência no cristianismo, não a essência da natureza enquanto ente pessoal e, assim, os objetos sagrados e divinizados não se encontram fora do homem, mas em sua própria essência.

Tanto a adoração da essência da natureza quanto do homem ocorre basicamente porque o homem é um ser sensível. Feuerbach quer dizer com isso que o viver do homem repousa inteiramente na sensação. Para o autor, a sensação não se reduz a simples receptividade de dados⁴, mas vai além disso, é a própria vida no sentido de que a vida é um fluxo contínuo entre o interior e o exterior do homem, e não pode ser vista de modo isolado. A sensibilidade assume um papel importante na vida humana e dela surge a necessidade de o ser humano criar seus deuses a partir daquilo que lhe é essencial, seja a natureza, seja sua própria essência gênero.

É na sensibilidade que se encontra o elemento responsável pela vitalidade do homem que ele tanto tenta preservar. A vida é, para o homem, um de seus maiores bens, mas não o maior de todos. O maior bem para o homem é a própria felicidade, que só é possível na sensibilidade, uma vez que a sua ausência, isto é, a negação dos prazeres que só são possíveis através dos sentidos, o homem se encontra em estado de miséria e tristeza.

A denegação dos sentidos é a fonte de toda insanidade, malignidade

⁴ Esse “papel desde sempre atribuído à sensorialidade com função gnosiológica enquanto fonte inicial do conhecimento, vida é sobretudo expressão, movimento que emerge do interior para o exterior, o interior revelado como manifestação e que só na manifestação se satisfaz (...)” (Serrão, Adriana. *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. 2009, p.27.)

e doença na vida humana; a afirmação dos sentidos, a fonte da saúde física, moral e teórica. A renúncia, a resignação, a 'autonegação', a abstração tornam o homem sombrio, enfadado, sórdido, lascivo, receoso, mesquinho, invejoso, pérfido, malévolos, mas o prazer dos sentidos torna-o risonho, corajoso, nobre, aberto, comunicativo, participativo, livre, bom. Todos os homens são bons na alegria, maus na tristeza; mas a fonte da tristeza é, justamente, seja voluntária ou involuntariamente, a abstração dos sentidos (*Wider den Dualismus Von Leib und Seele, Fleisch und Geist*, GW 10, p. 144-145 Apud CHAGAS, 2009, p. 28).

O homem possui o instinto de derivar de uma causa humana os fenômenos originados na natureza. Todos os fenômenos naturais bons são oriundos de um ser ou de uma vontade benigna, e os maus de um ser ou vontade maligna. Feuerbach encontra no instinto humano a terrível consequência da antropomorfização da natureza presente nas primitivas religiões da natureza. De acordo com este pensamento cito:

(...) a partir desse instinto surgiram as vítimas da religião e todas as outras atrocidades da história humana; porque o mesmo instinto que necessita de um ser pessoal para amar e agradecer o bem que ele goza, necessita também de um ser pessoal para os males que lhe sucedem, para odiar e destruir, seja um judeu, um herege, um mago ou uma feiticeira. Foi o único e mesmo fogo que, em agradecimento pelos bens da natureza, elevou-se aos céus e que, como castigo pelos males da natureza, queimou hereges, magos e feiticeiras (FEUERBACH, 1989, p. 262).

A partir da adoração da natureza por meio de uma forma humana, isto é, personificada, Feuerbach percebe que os homens através da religião agradecem ao benevolente Deus por algo de bom que tenha vindo a acontecer em suas vidas. Ele adora a chuva que semeia suas lavouras, pois é uma obra divina, mas na mesma proporção em que adora a figura da natureza personificada também a repudia. A mesma chuva que é venerada como obra de Zeus pode ser também odiada quando se transforma em uma tempestade perniciosa, e deste modo, ele pode culpar o demônio por uma possível tragédia.

Se tudo o que é bom vem da bondade divina, vem também necessariamente tudo o que é mal da maldade do demônio. Uma coisa não pode ser separada da outra. Mas é evidentemente um sinal do mais profundo primitivismo quando o homem culpa uma entidade maligna pelos fenômenos naturais que contrariam seu egoísmo (FEUERBACH, 1989, p. 262).

Pode ser notado que há uma necessidade do homem de personificar a natureza, tanto pelo fato de ele tentar compreender aquilo que lhe está mais distante a partir do que lhe está mais próximo quanto pelo fato de ele ser um ser sensível, e sua relação com a natureza não ser recíproca, ou seja, não se relaciona mutuamente com ela.

Então ele necessita de consolo para sua aflição, para seu sofrimento, o qual é oriundo dela mesma. Portanto, somente em um ser portador de suas mesmas qualidades pode fazer o homem encontrar consolo nas mazelas por ele sofridas.

É importante deixar claro que a necessidade de personificação da natureza pelo homem não se deve somente à sua limitação, segundo a qual ele pensa tudo de acordo com ele mesmo ou com a sua ignorância, que é responsável pela personificação propriamente dita. Podemos incluir também o egoísmo, o amor próprio e a ânsia de felicidade como elementos responsáveis pela personificação da natureza. Esse egoísmo a que Feuerbach se refere não é o egoísmo que conhecemos, o egoísmo vulgar, o exacerbado amor que o indivíduo tem por si e o eleva acima de tudo, isto é, uma vaidade exagerada. Pelo contrário, Feuerbach se refere ao amor próprio no sentido de auto conservação, aquele que apenas possibilita sua existência e sua felicidade.

É o egoísmo o fundamento do instinto de auto conservação e o instinto de felicidade, sendo este último considerado por Feuerbach, o instinto dos instintos. Na personificação podemos notar que só pelo fato de o homem atribuir a seres espirituais, pessoais, os fenômenos da natureza tornando-a dependente de uma vontade divina, isto é, um determinado deus decide se chove ou não, de acordo com seu agrado, isso prova que o homem faz com que a natureza seja dependente dele mesmo que indiretamente.

(...) o motivo pelo qual ele atribui os fenômenos da natureza a seres voluntários, espirituais, pessoais e humanamente vivos, pouco importando se ele aceita muitas causas pessoais, como na crença politeísta, ou somente uma causa da natureza atuante com vontade e consciência, como na crença monoteísta. Porque só pelo fato de o homem tornar a natureza dependente de um deus torna ele também a natureza dependente de si mesmo, traz ele a natureza sob seu poder (FEUERBACH, 1989, p. 262).

Assim, a personificação da natureza pelo homem tem como elemento fundamental sua necessidade de compreensão do mundo e o desejo de ser feliz, uma vez que o consolo que a religião possibilita se dá devido à relação não recíproca que o homem tem com a natureza. Mas a partir da personificação o homem almeja indireta e inconscientemente tornar a natureza dependente dele mesmo, e a ideia da existência de desuses a partir da/na natureza são oriundas da ignorância e da arrogância humana com a qual o homem transforma as limitações da sua cabeça em limitações da própria natureza.

O Homem e sua Relação Necessária com a Materialidade da Natureza

Ao defender um materialismo voltado para a vida do homem ativo em sociedade, Feuerbach nega, ao longo de seus escritos, os argumentos provindos da

teologia e da filosofia especulativa hegeliana, pois os considera argumentos antinaturais e anti-humanos.

O filósofo nega para afirmar. Em suas obras ele tem como meta um projeto antropológico com designações especificamente humanas, isto é, ele nega Deus e toda a filosofia especulativa a partir de seu cerne, de dentro para fora, e afirma o homem em sua integralidade das funções humanas partindo das determinações da realidade, levando em conta não apenas o conhecimento metafísico advindo das especulações racionais, mas também o conhecimento sensível oriundo da natureza para fundamentar seu projeto antropológico, isto é, a sua filosofia.

A natureza mostra sua importância por se estabelecer necessariamente como o princípio “orientador” da realidade sensível, uma vez que é a partir de sua materialidade que o homem toma consciência de si mesmo. O que Feuerbach quer dizer é que somente a matéria torna possível a existência e a compreensão dessa existência que se dá através dos sentidos primeiramente. “Apenas através dos sentidos se é possível chegar ao reconhecimento da existência de coisas e seres fora do sujeito” (LOPES. 2011, p. 46).

O materialismo alemão descrito por Feuerbach teve sua gênese não na ciência, pois não é fruto do amor pela ciência, mas pelo contrário, teve sua origem na própria religião, mais precisamente como advento da Reforma Protestante. Feuerbach encontra na Reforma os primeiros vestígios do materialismo alemão ao notar que somente a partir do protestantismo houve uma humanização do amor, isto é, o amor até então era apenas divinizado pelo catolicismo. Foi devido ao surgimento do protestantismo que “a imagem do catolicismo se torna essência antropológica, isto é, real vivente” (LOPES, 2011, p. 40). O filósofo observa que o salto dado pelo protestantismo, em relação ao catolicismo, direciona a religião cristã mais ainda ao homem, ao homem no sentido individual, e isso faz também surgir como contraponto o afastamento em relação ao divino, e uma cada vez mais crescente aproximação com o ser humano concreto, individual e natural, exigindo assim a existência de um materialismo enquanto negação do que já existia.

O materialismo afirma a natureza e, conseqüentemente, o homem concreto e real se desvencilha das abstrações metafísicas que o colocam como um ser apartado e cindido daquilo que lhe é necessário, ou seja, aquilo que faz com que ele seja o que é. Para Feuerbach, ser é em última instância o mesmo que sentir. Daí a importância dada por Feuerbach, em seu mais alto grau, à sensibilidade, pois a afirmação dos sentidos consiste necessariamente na fonte de saúde física, moral e estética. O filósofo ainda acrescenta que o homem, falando em um sentido estético, é o mais elevado sensível dos seres.

O *sensualista* absoluto que, mais sendo capaz de sentir, melhor pode admirar a riqueza do mundo, ampliando-o na riqueza de perspectivas e em visões multiestéticas. É esta sensibilidade universal

que caracteriza agora a espiritualidade e corresponde à religião concreta em que a celebração do mundo é paralela ao enriquecimento do sujeito (SERRÃO, 2009, p.28).

O sujeito está necessariamente ligado ao mundo da sensibilidade, pois este o afirma, o enriquece e lhe é indispensável, essencial. A negação dessa relação com a sensibilidade, isto é, com a natureza é o princípio de toda a insanidade, malignidade e doença da vida humana. Negar a natureza, a sensibilidade, o mundo material, consiste em uma renúncia, uma resignação, uma autonegação do próprio homem, uma vez que o homem é também natureza. Na sensibilidade presente na natureza o homem está diretamente vinculado ao prazer dos sentidos que o torna feliz. O prazer proporcionado pelos sentidos torna-o corajoso, risonho e nobre. Mas a abstração dos sentidos, de modo voluntário ou não, faz o homem sombrio, sórdido, mesquinho, invejoso...

Conclusão

Portanto, podemos notar que a relação do homem com a natureza é uma necessidade para que ele se auto afirme, estruture-se em sua integralidade antropológica e se expanda em sua existência. Negar essa relação em nome de objetos sobrenaturais é negar a própria vida. Somente na natureza o homem pode ter contato com a sua própria essência, ainda que de modo individual por meio dos objetos, sejam eles materiais ou espirituais. Dessa forma, a natureza mostra sua importância por meio de seus objetos, uma vez que a essência de qualquer ser, não apenas do homem⁵, só é objetivada, exteriorizada, ou mesmo projetada, devido à capacidade receptiva que este ser porta ao ser afetado por aquilo que vem de fora e que está presente apenas no âmbito da sensibilidade. Faz-se importante esclarecer que o homem em relação aos outros seres é o único cuja essência é portadora de consciência no sentido rigoroso. Os outros seres possuem uma consciência limitada, o instinto, e ainda assim só podem ter acesso a essa essência a partir da sua relação com o mundo, com suas adversidades e mudanças a que estão expostos na natureza. De acordo com Feuerbach, é a partir da relação Eu-Tu que se torna possível que o que é seja, mas somente enquanto exterior ao pensamento, isto é, o ser para existir só pode existir de modo efetivo e não enquanto ideia ou algo que anteceda à matéria ou não esteja nas condições exigidas de espaço e tempo. É com este pensamento que o filósofo se afasta da grande tradição filosófica, sendo considerado hoje o último dos modernos.

Referências bibliográficas

AMENGUAL, G. *Crítica de la religión y antropología en Ludwig Feuerbach*. Barcelona:

⁵ No caso do homem “essência, gênero e consciência são, portanto, determinações inseparáveis. É porque tem a consciência de si enquanto gênero que a própria consciência humana tem a forma da genericidade, podendo, assim, ter a consciência genérica de outras essências podendo dizer que lhe é possível fazer ciência.” (FEUERBACH. 2007, p. 35).

Laia, 1980.

CHAGAS, E. F., REDYSON, D. *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. A majestade da natureza em Ludwig Feuerbach. In: *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da filosofia do futuro e outros escritos*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1843/1988.

_____. *A essência do cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1841/2007.

_____. *Preleções sobre a essência da religião*. Tradução de José da Silva Brandão. Papyrus, 1851/1989.

LOPES, R. W. *Antropologia e moral em Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre: PUC, 2014. In: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3493>

SERRÃO, A. V. *A humanidade da razão: Ludwig Feuerbach e o projecto de uma antropologia integral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

_____. Feuerbach e a apoteose da vida. In: *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. Ser e agir para uma articulação entre antropologia e ética em Ludwig Feuerbach. In: *Revista Dialectus*, nº 6, ano 2, jan/ago 2015. <http://www.revistadialectus.ufc.br/index.php/RevistaDialectus/article/view/209>

Submissão: 30.09.2016 / Aceite: 29.10.2016